

O RIO DE JANEIRO VISTO DO CONVENTO DE SANCTA THEREZA.

#### RIO DE JANEIRO.

Tal nome deu á enseada no recorde  
Do mez que illustre foi por caso tanto,  
E á cidade deixou com justo acôrdo  
A clara invocação de um martyr Santo.  
Nhiteroi se chamava a vasta enseada,  
Que estreita boca — como barra encerra,  
Nhiteroi, dos Tamoyos habitada,  
. . . . . Famosa região . . . . . etc.

P.<sup>o</sup> DURÃO — *Caram.*

1.<sup>o</sup>

A CÔRTE e capital do imperio do Brazil está situada quasi debaixo do tropico de capricornio em 22° 54' S. na beira occidental da famosa e vasta bahia que deu o nome á cidade chamada *Rio de Janeiro*; a qual tem a boca para a parte do sul. Este nome improprio, que envolve em si um erro de geographia, chamando-se rio a uma enseada, ou antes a um pequeno golpho, procedeu de serem as suas aguas tidas por tal pelos primeiros exploradores, que seguindo a costa do cabo de S. Roque para o sul com tres caravelas, commandadas por Gonçalo Coelho, alli entraram em Janeiro de 1502 (\*), e pelos immediatos successores. Os indigenas lhe chamavam antes *Ganabará* segundo Lery, e conforme outros *Nhiteroi*, ou antes *Nictero-hy*, que em lingua do paiz, segundo Pizarro, valle o mesmo que *Mar-morto*, expressão que não deixava de ser significativa como outras muitas da lingua tupí. Este pequeno golpho, a que pagam tributo vinte e tantos riachos e alguns rios, é uma das paragens mais encantadoras da terra, e um dos mais frequentados, espaçosos e melhores portos do globo, e dos mais seguros, tanto dos tempos pela natureza, como dos contratempos humanos pela arte. As graniticas montanhas que alli em tórno avultam ao perto, ou que magestosamente se erguem ao longe, e que formam, como as abas do vale em que entram as aguas do mar, as picturesque ilhas cultivadas e habitadas que marchetam a sua superficie, a

espontanea vegetação que reveste as suas encostas, os copados coqueiros e verdes mangaes que em muitas partes se avistam, as chacras que se descobrem, os campanarios, os palacios e casarias que alvejam em fórma de amphitheatro, e as recordações historicas que se associam ao local, tudo extasía o viajante que alli acaba de fundear pela primeira vez. Depois as commodidades da vida, a hospitalidade dos habitantes e o respeito ás leis lhe oferecerão segura estancia.

Tem a enseada uma fórma tal que a planta no seu todo se approxima á figura triangular, sendo um dos vertices no meio da barra. — A distancia desta até o recesso de Magé anda por menos de cinco leguas portuguezas; contando-se quatro em direitura á foz do Mirity e trez até voltar á barra, que é limpa de cachopos e se poderia fechar com facilidade com uma corrente, á maneira da do porto de Havana, visto ter apenas noventa braças de largura. — A extensão da bahia, medida sobre o meridiano, que passa pelo meio da barra, é exactamente de quatro leguas portuguezas. Offerece aquella, pelos montes que a circuitam, fundeadouro abrigado capaz de admittir a maior esquadra do mundo.

Entre os montes proximos se distinguem a Oeste o celebre *Pão de Assucar*, que se appresenta logo á vista de quem entra, e juntamente com o *Pico* estende seus pés ao mar: a *Gavia*, de maior altura, cuja cima dá alguma idea da dos navios, e o cerro propriamente chamado *Corcovado*, coroado de um penedo de fórma singularmente entortada, que se eleva sobre o mar mais de 345 braças. — Ao longe se divisam encadeadas serras, que formam como a continuação da *Serra do Mar*. Entre estas é digna de menção a *dos Orgãos*, cujos pincares ponteagudos e em descenso gradual trazem ainda á idea os tubos do instrumento a que os nossos antigos, ás vezes tão felizes no uso das metáforas, foram buscar o nome.

São, como dizemos, muitas as ilhas e ilheos que

(\*) Vej. a nota 22 ao Diario de Pero Lopes.

povoam este golpho, podendo contar-se para cima de quarenta; entre as quaes são de mais nomeada, pela sua grandeza e fertilidade, a *do Governador* (chamada antes *Paranapucuy* e depois *Ilha dos sete engenhos*) aonde elrei D. João 6.<sup>o</sup> se comprazia de ir tantas vezes, e que tem de comprimento perto de duas leguas: — a encantadora e picturesca Paquetá aonde esteve desterrado o brazileiro José Bonifacio de Andrada, um dos maiores sabios deste seculo, que honrou Portugal com seus escriptos. Alem destas são de celebridade historica outros ilheos fortificados de que no artigo subsequente faremos menção.

Impossivel é pintar um quadro original da vista que offerece esta bahia, mais propria para se gosar que para se poder fazer della uma pintura. «Por pouco poetico que seja o espirito logo se apossa de todos os objectos; a imaginação lhe presta encantos indiziveis, e chega a ver reinar uma abundancia eterna onde a natureza se orna de tantos encantos. Se se desembarca na praia um calor activo faz exhalar perfumes desconhecidos; parece que se aspira uma vida nova; os sentidos recebem emoções ignoradas, o coração desperta por outras sensações, e a alma concebe ideas mais sublimes.» — «Não foi a mão do homem que soube tirar partido do mais mimoso céu, das mais bellas aguas e do melhor solo do mundo. Não. O homem nada obrou nestas paizagens miraculosas, mas a natureza é ainda nellas tão luxuriosa, prodigalisa por tal modo ás mãos cheias a sua vegetação virgem e viçosa, dá a seus massigos de verdor um relevo tão brilhante — uma côr tão viva, ás suas arvores tão robusta estructura, a seus riachos tão placido curso que os olhos mais embotados s'abrem cheios de surpresa, e o pensamento se humilha perante esta obra admiravel da criação.»

O Brazil goza de uma primavera continuada, e, como diz Brito Freire, melhor mostra a mudança das estações pelas chuvas que pelo frio ou calma.

O Rio de Janeiro é quente e humido: o inverno apenas se faz sentir, e o verão não pôde ser abraçador por via das frescas brizas marciras que atenuam seus raios. — A sua temperatura media regula por vinte e tantos gráus centigrados, e calcula-se o numero de dias em que alli chove pelo terço proximo do anno (::).

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada pelo governador Men de Sá, depois de vencer completamente neste porto, nos principios de 1567, os francezes, que juntos com os indios Tamoyos o defendiam e sustentavam, apezar de terem já dalli sido expulsos pelo mesmo governador sete annos antes. — Da outra vez tinham evacuado a ilha de Villegaignon [em que se haviam fortificado, por ordem do seu chefe deste nome] na noite de 16 de Março de 1560.

Foi defronte desta ilha, no terreno elevado que vai fenecer na ponta do Calabouço, que Men de Sá deu principio á edificação da cidade, á qual chamou, em attenção ao nome do seu joven rei = *de S. Sebastião*. — Antes desta fundação tinham sido levantadas por Estacio de Sá algumas casas para residencia dos atacantes proximo ao sitio chamado Botafogo, ás quaes depois denominaram *Villa* ou *Cidade Velha*. — Construíram-se logo varios edificios e igrejas, e casa de misericórdia: os jesuitas, na fórma do seu costume, fizeram logo um nobre mosteiro no alto do monte em que se construiu o castello. A cidade foi cercada de muros de taipa espaçados de torres e com estancias para a artilharia. Men de Sá deixou por capitão seu sobrinho, Salvador de Sá, que muito favoreceu a continuação destas obras: desde então alli ficaram estabelecidos muitos mora-

(::) Vej. o Tom. 2.<sup>o</sup> do Panorama pag. 36 e 84.

dores e officiaes de justiça e fazenda. Este primeiro capitão destroçou de todo os celebres Tamoyos, cantados em um moderno poema brazileiro, que se oppunham á edificação desta cidade. O seu successor, Christovam de Barros, lhe reformou as muralhas e fez grandes beneficios. Os serviços prestados a elrei D. João 4.<sup>o</sup> grangearam á cidade o titulo de *Leal* por decreto de 6 de Junho de 1647, como se vê do que escreve monsenhor Pizarro nas suas Memorias [T. 7 pag. 156] aonde allega os fundamentos que para isso houve. — Em 1676 foi erecta em bispado e governada por capitães môres até 1697 em que passou a ter capitães generaes; em 1711 foi invadida pelo celebre Duguay Trouin, cujas façanhas tanto exaggerou o seu panegyrista, e em 1763 passou a ser a capital do estado e residencia do vice-rei, sendo o primeiro o conde da Cunha, que teve mais seis successores até 8 de Março de 1803, em que elrei D. João 6.<sup>o</sup> estabeleceu alli a sua côrte. As inscrições, sem conto, copiadas na obra citada do monsenhor Pizarro, attestam quanto todos á porfia se esmeraram pelo engrandecimento desta capital. Porem foi a ida da côrte de Portugal para o novo mundo, projecto já concebido perto de dois seculos antes, o acontecimento que mais fez prosperar esta cidade e mais civilisou todo o estado. Foi esta, sem contestação, a causa primaria de que o Brazil esteja hoje uma nação independente. Poucas cidades da Europa se poderão lisongear de haver recebido na sua edificação tão rapidos impulsos e desenvolvimentos como esta, que em meio seculo quadruplicou a sua população — a qual pôde hoje avaliar-se proximo em 180:000 almas. Em 1821 já, segundo Pizarro, se contavam 10:963 fogos collectados pela decima. — A cidade começou a estender-se pela planicie, deixando da parte da terra o espaçoso campo de Sancta Anna, hoje chamado da Acclamação. — Neste campo, de mais de 44 mil braças quadradas, desembocam oito ruas estreitas e quasi parallelas que alli conduzem perpendicularmente á praia, e são cruzadas a espaços por outras tantas, deixando de perneio, para quebrar esta monotonia e para uso do publico, o largo da Constituição, de menos de cinco mil braças quadradas, em que fica o pelourinho e um dos theatros da capital, e os de S. Domingos, S. Francisco de Paula e do Capim, não lembrando o famoso terreiro do palacio imperial de que adiante fallaremos. Das oito ruas mencionadas ha duas, a de S. Pedro e a do Sabão, que continuam com estes mesmos nomes em linha recta pela *Cidade Nova*, começada neste seculo, a terminar na Ponte de S. Diogo, que a communica por uma ponte com o bairro de Mataporcos: é por este sitio que se trata de elevar o aterro do mangue.

Não foi bem escolhido este local para se continuar a edificação da cidade sem ao menos se haver prevenido que sendo um sitio paludoso, com pouca circulação d'ar, viria aquella sem construcções prévias a ser insalutifera no verão, como acontecia antes das providencias que neste seculo se tem dado. Toda cercada de montes, o é principalmente pelo do Castello, que a impede de receber diariamente a viração marceira frequente nos paizes dos tropicos, e tornando-a abafada. O sabio bispo Azeredo Coutinho indicou a maneira de se desmorronar este monte aproveitando-se convenientemente o seu aterro, fundado tambem no boato que corria de que elle contiua em si ouro — invenção chimerica que deu talvez logar á abertura da mina explorada no dia 16 d'Agosto do anno passado, que vai desembocar ao norte do seminario de S. José — de 205 palmos de comprimento, quatro palmos de largura e cinco a seis d'alto, se é

que esta não foi feita com o intuito de achar agua, como outros julgam. — Porem se é vã a esperança de obter metaes, não está despresada a idea do desmorroneamento, segundo colhemos de um jornal moderno do Rio de Janeiro. —

A cidade estende-se hoje para o lado da barra pelas praias da Gloria até o sitio chamado *Bota-fogo*, sendo até o *Catete* povoada sem interrupção. Este ultimo sitio deriva o seu nome de um ribeiro que por alli corre. As ruas da cidade são calçadas de granito e de pedras de lastros dos navios. As casas ordinarias são acanhadas e baixas, construidas tambem com pedregulho e enxelharia de granito e gneiss das visinhanças, e ás vezes de madeira o andar superior, que é cuberto de telha á portugueza. —

Entre os edificios publicos desta cidade fazem grande vulto, pelo seu numero, os sagrados. Citaremos a igreja da Candelaria toda de granito, e a de melhor e mais solida architectura do Rio e de todo o Brasil meridional, com duas elevadas torres, notaveis pelas suas escadas, cujos degraus são entalhados com engenho. — O convento de S. Bento sobre um alto em situação picturesca, tem uma boa bibliotheca. — Sobre outro alto fronteiro fica Sancto Antonio; segue-se S. Francisco de Paula tambem com duas torres, porem pouco digno de observação; S. Domingos servido por padres negros. — Alem destas citaremos tambem a capella imperial, a igreja dos Carmelitas calçados, Rozario, Sancta Rita, &c. Porem de todas a que ora mais nos interessa, por ser o sitio donde um curioso desenhou a estampa que vai neste numero, é o convento de Sancta Thereza. — Fôra outrora, fundada no principio do seculo 17.<sup>o</sup>, uma ermida da Sr.<sup>a</sup> do Desterro, e só no meio do seculo seguinte é que para alli entraram as primeiras recolhidas de veu, da ordem do Carmo, cujo numero não póde passar de 21. — Fica o convento sobre um alto, do qual se póde gozar a perspectiva da cidade e das placidas vagas desse bello lago, o que tudo deste sitio tanto se desfructa, como da igreja da Gloria que lhe fica visinha, e de que trataremos no artigo seguinte.

\*

*ADVERTENCIA.* — No artigo ácerca do Pará, que vem no numero 153, devem ler-se accentuados os nomes Guamá, Topayós ou Tapajóz, Cametá, Gurupá, Tuharé, &c. — N'outro artigo se tratará com mais extensão daquella cidade.

#### EXPOSIÇÃO QUE FEZ DOS SEUS SERVIÇOS O CELEBRE ALEXANDRE DE GUSMÃO A ELREI D. JOÃO 5.<sup>o</sup>

Este documento é curioso porque explica muitos dos successos importantes do tempo do A. — Alexandre de Gusmão, bem conhecido por seus talentos politicos, era irmão do afamado maquinista, P.<sup>o</sup> Bartholomeu Lourenço de Gusmão, por antonomasia o Voador, do qual fizemos menção a pag. 357 do 2.<sup>o</sup> volume.

Senhor. — Representa humildemente a V. Magestade Alexandre de Gusmão, seu criado, que elle supplicante teve a honra de começar desde o anno de 1714 a servir a V. Magestade em París, onde foi agente dos negocios do seu real serviço.

Em 1720, achando-se o supplicante em Lisboa, o destinou V. Magestade para ir assistir no congresso de Cambray com os dois embaixadores que para elle tinha nomeado; a fim de que introduzindo-se o

supplicante, se habilitasse para servir a V. Magestade nos empregos politicos. E supposto poucos dias depois destinou V. Magestade para o mesmo effeito a Antonio Galvão, a Diogo de Mendonça, e a Marco Antonio de Azevedo, sempre o supplicante teve a gloria de ser o primeiro, que para aquelle fim lembrou a V. Magestade.

Neste mesmo tempo se negociavam em Roma as duas bullas do serviço da Patriarchal, e das quartas partes dos bispados, com muitas demoras e equivoções, por falta da inteira percepção das intenções de V. Magestade nos que solicitavam aquellas graças; pelo que julgou V. Magestade necessario mandar a tratar dellas quem tivesse bem comprehendido o que V. Magestade desejava. E como por ser Bartholomeu Lourenço, irmão do supplicante, quem lidava naquelle negocio, e V. Magestade se havia dignado de admitir o supplicante ao mesmo trabalho, cahiu a real eleição de V. Magestade sobre o supplicante, ordenando-lhe fosse a estar em Roma dois mezes, que V. Magestade reputava bastante para se concluirem as ditas expedições, e que acabadas ellas voltasse para o seu destino de Cambray.

Esta digressão, então invejada pelos outros sujeitos nomeados para o mesmo congresso, veio ser a principal causa do atrasamento do supplicante, porque dos ditos tres [sendo que dois delles não tinham servido] Antonio Galvão, achando fallecido em Inglaterra a Jacintho Borges, foi mandado ficar alli por enviado. Morreu tambem logo o residente Manuel de Sequeira na Italia, e foi Diogo de Mendonça a succeder-lhe com o caracter de enviado. E mudando-se o congresso de Cambray para Soissons, aonde só havia de ir D. Luiz da Cunha, requereu este embaixador que se nomeasse para ficar em París nas suas ausencias Marco Antonio de Azevedo que estava em sua companhia; o que V. Magestade approvou, declarando-o enviado naquella côrte. Entretanto passando o supplicante a Roma pelo circuito de Alemanha, por causa da peste de Marselha, não podendo chegar senão em Março de 1721 em que achou fallecido o papa, deu promptamente cumprimento á satisfação de V. Magestade.

Atraz disso mandando V. Magestade encomendar ao supplicante a expedição de outras duas graças que pediram ao papa os dois cardeaes portuguezes, para usar o patriarcha de superhumeral, ou fanone, e os beneficiados da Patriarchal de habitos prelaticios, tambem os poz correntes o supplicante, na fórma que V. Magestade desejava.

Ordenou V. Magestade ao supplicante que continuasse a residir em Roma, aonde ficou sete annos occupado em varias cousas do serviço de V. Magestade, e tambem na negociação do capello de Bichi, com os mais que naquella corte se achavam servindo a V. Magestade; mas ao mesmo tempo que todos se lisongeavam de que viria a conseguir-se, o supplicante, que tinha bem observado o modo de tratar dos ministros de Benedicto 13.<sup>o</sup>, e era bem informado por um cardeal dos de melhor valia que tinha ganhado ao serviço de V. Magestade, nunca cessou de avisar dos desenganos que o exito veio a verificar. Naquelle tempo teve V. Magestade a benignidade de mandar dizer ao supplicante que ainda que todos os que tinham sabido com a mesma occasião que elle estavam providos, não havia de ficar o supplicante menos bem accommodado do que elles estavam.

As mercês que até ao dito tempo recebeu o supplicante, foi no anno de 1720 o habito de Christo, com a tença ordinaria, e no anno de 1724 a propriedade do officio de escrivão da ouvidoria de Vil-

\*

la-ruiva, ficando a seu irmão Bartholomeu Lourenço o usufructo de todo o rendimento, e por fallecimento delle se consolidou na propriedade do supplicante. O foro de fidalgo cavalleiro, com que no principio de 1721 V. Magestade se dignou de honrar ao pai do supplicante, foi pelos serviços do dito seu irmão. Um officio de tabellião da dita villa, de que V. Magestade tambem concedeu ao supplicante a propriedade, foi em resarcimento de muito maior damno que se lhe havia feito no officio da ouvidoria. A alcaidaria mor de Piconha foi em remuneração dos serviços do sogro do supplicante.

Tanto que se estabeleceu a correspondencia, que pela denegação do capello de Bichi se havia interrompido com a corte de Roma, occupou V. Magestade ao supplicante em compor todo o cortejo para aquella corte, em que foi immenso o trabalho para conseguir as satisfações que V. Magestade pretendia, as quaes consistiram no capello perpetuo, no padroado de todos os beneficios da sé oriental, no augmento das quartas e terças partes dos bispados, e nas quintas partes de muitas rendas das dignidades e canonicatos de cadeiras do reino, e supressão de outras, e na promessa das pensões das parochias, tudo para dote dos ministros e fabrica da santa igreja patriarchal.

A fadiga que o supplicante teve na digestão destes negocios não é explicavel, e só V. Magestade a póde avaliar, pois tudo se fez debaixo da sua real inspecção; só dirá o supplicante que por seis ou sete annos consistiu a sua vida em trabalhar, e escrever sem interrupção, ou em casa ou na presença de V. Magestade, confundindo a noite com o dia, e sem saber nunca que cousa fosse divertimento. Ao supplicante tocou formar as minutas de todas as bullas, trabalho que foi preciso repetir muitas vezes pelas duvidas que se excitavam em Roma, compondo miudissimos despachos para a negociação e intelligencia das materias.

Entre estes foi um que podia passar por livro, e que se póde dizer foi a principal causa de se alcançar tudo o sobredito; porque estando aquella corte renitente em concluir o que V. Magestade desejava, poz o supplicante na sua real consideração, que o meio mais efficaç para move-la seria o de fazer-lhe entender que V. Magestade estava em pleno conhecimento de muitos abusos que praticava a curia, assim em materias de lucros, como em pontos de jurisdicção, e que determinava impugnar todos os que podesse, com segura consciencia, a exemplo de outras cortes catholicas mui pias e religiosas. Isto deduziu o supplicante em um larguissimo despacho que V. Magestade mandou enviar ao seu ministro, que era o actual bispo do Porto, para que se aproveitasse nos seus discursos daquellas noticias, e deixasse perceber o que podia reccar a curia se continuasse a recusar a V. Magestade as satisfações que tinha pedido. O effeito desta idéa foi tal como o supplicante o tinha feito esperar, porque immediatamente cessaram as duvidas, e tratou seriamente a corte de Roma de comprazer a V. Magestade em tudo o que se pretendia della.

Só no capello perpetuo continuou a repugnancia, que o supplicante sempre tinha inculcado por invencivel, de da-lo a sé apostolica á sua custa pelo perigo de que o mesmo pretendessem outras potencias. E conhecendo-se que por aquelle caminho se não conseguiria nunca a graça, apontou o supplicante o meio de pedir o capello perpetuo para o descontar nas nominas da coroa, atrevendo-se a segurar que nesta fórma se conseguiria; sem embargo que os ministros de estado daquelle tempo tinham por illusão

do supplicante o entender que poderia vencer-se o obstaculo das antecipações, que quasi em todos os casos viriam a ser necessarias, e que a sé apostolica a não continuaria (\*) nunca em pôr um capello, como elles se explicam, em vinculo de morgado.

Por não interromper a ordem das materias, continuará o supplicante a referir tudo o que nos annos seguintes fez nas negociações de Roma, e concernente á santa igreja patriarchal e suas dependencias. Dadas as satisfações que V. Magestade esperava da corte de Roma, tratava-se de se nomearem bispos para as igrejas vagas do reino. O zelo do supplicante o excitou a representar a V. Magestade que era chegada a occasião mais opportuna para conseguir uma pretensão, em que havia perto de cem annos se tinham frustrado as instancias desta corte, qual era a appresentação dos bispos, e a declaração de serem do padroado regio todos os bispados deste reino, abolindo o indecoroso estylo de se proverem *ad supplicationem*, que alguma vez poderia vir tambem a ser prejudicial.

Não deixou V. Magestade de duvidar que o supplicante podesse descobrir novos ou mais solidos fundamentos, do que os que tinha allegado Manuel Rodrigues Leitão no grosso volume do *Tratado Analytico*. O supplicante, venerando o talento daquelle eruditissimo auctor, pediu comtudo licença a V. Magestade para escrever as rasões que lhe occorriam, de que compoz uma dissertação muito mais breve do que aquelle volume, mas com taes fundamentos, que vendo-a V. Magestade a honrou com a sua plena approvação, e ordenou se appresentasse á corte de Roma, e se insistisse com toda a força na pretensão, declarando que V. Magestade não afrouxaria nella, como o tinham feito os seus reaes predecessores.

Assim o executou o bispo do Porto: porem Manuel Pereira de Sampaio querendo levar a palma de ser aquelle por cujo meio se terminasse o negocio, offereceu ao cardeal Datario outro papel em que, allegando os mesmos fundamentos deduzidos na dita dissertação, concluia pedindo por graça a declaração do padroado, em que o supplicante insistia por justiça. Vindo este papel de Sampaio a Lisboa, expoz o supplicante a V. Magestade de quanta importancia era atalhar este passo falso, posto que houvesse quem pretendia desculpa-lo; e V. Magestade foi servido ordenar que o dito Sampaio fosse a desdizer-se formalmente, e a declarar que a composição daquelle papel fôra um arbitrio que elle tomára albeio das ordens; e que o genuino remettido desta corte, da qual elle de nenhuma sorte entendia apartar-se, era o que tinha apresentado o ministro de Sua Magestade.

Esta retractação feita por Sampaio, bem a seu pesar, foi o que deu o ultimo impulso á negociação, porque desenganada a corte de Roma da constancia desta, conveio finalmente que os bispos se expedissem todos *ad presentationem*, e nas bullas se declarasse serem do real padroado.

Logo formou o supplicante o theor que haviam de ter ao diante as cartas de appresentação, bem differente do que até alli se praticava, e concebidas com a maior auctoridade que se achára em uma das ditas cartas; e assim passaram, e ficaram por formulario invariavel.

Para se avaliar o merecimento de vencer este negocio, basta dizer-se que foi um dos maiores empenhos dos reinados precedentes; que para trata-lo foram mandados de proposito João de Rochas e o conde de Prado; que a todos os ministros seguintes foi

(\*) Parece-nos que se deverá ler = não concordaria.

mui recommendado nas suas instrucções, e que todos tinham trabalhado nelle debalde.

Outro conseguimento decoroso, posto que menos arduo, foi o do titulo com que V. Magestade desejava ser tratado, para que lhe não levassem nisso vantagem os monarchas de França e Hespanha. O supplicante foi o que apontou o de *fidelissimo*, e approvando-o V. Magestade, formou as ordens para se tratar desta materia com as rasões e exemplos que deviam allegar-se, em que o ultimo meio que se apontava era o da concessão por breve, porem Manuel Pereira de Sampaio veio a pegar-se a este por mais facil.

Tratou-se depois da nova bulla do serviço da Patriarchal, da expedição das pensões das parochias, da reunião das duas cidades, da redução dos benefi- cios da igreja de Santa Maria ao estado em que hoje se acham, e compensados os possuidores que então os tinham, e da erecção do seminario.

E assim as minutas das bullas e despachos que concorreram para a negociação dellas, com tudo o que em consequencia destas graças se obrou em nome de V. Magestade, e do Em.<sup>o</sup> cardeal patriarcha, foi trabalho do supplicante; que bem pôde dizer que

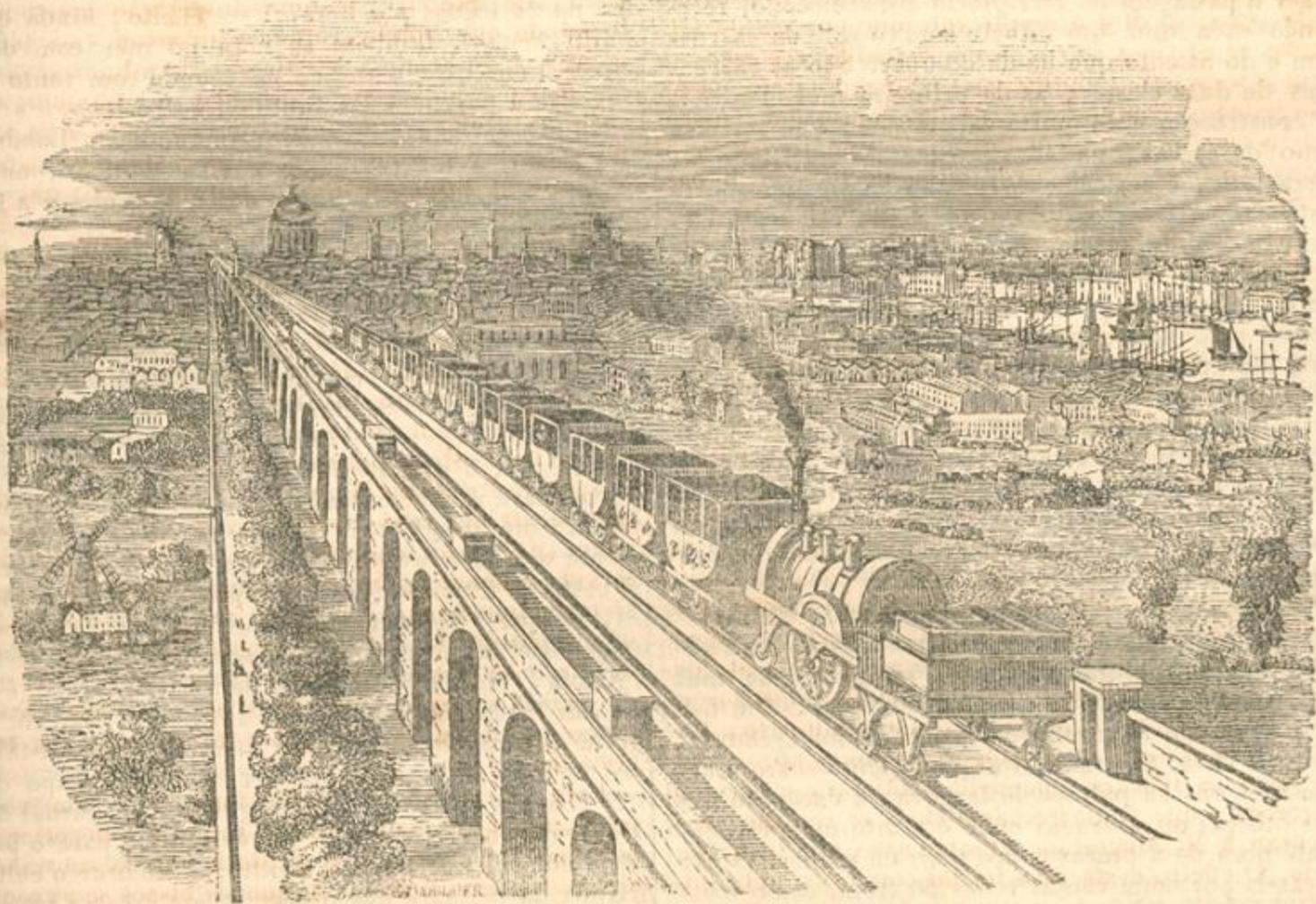
a maior parte do que contem os dois tomos do *Codex Titulorum* foi composto pelo mesmo supplicante.

Tambem foi elle o que formou o plano da congregação camararia, e tudo quanto até agora se acha escripto para governo das duas igrejas, Patriarchal e Santa Maria; e sem jactancia pôde tambem segurar o supplicante que de tudo o que respeita ao restabelecimento presente daquellas duas igrejas, e das rasões por que tudo se fez, nenhuma pessoa das que servem a V. Magestade se acha instruido como elle.

Tendo pois corrido pela mão do supplicante todo o despacho de Roma desde 1731, excepto algumas cousas particulares de que V. Magestade encarregou ao P. João Baptista Carboni; o mesmo pôde dizer o supplicante a respeito das outras cortes desde o anno de 1735, pois todos os despachos para ellas foram feitos pelo mesmo supplicante, excepto desde o anno de 1740 em que o cardeal da Motta tomou a si o que respeita a Paris e a Londres, e depois todo o negocio da mediação para a paz geral.

Porem do fallecimento deste Em.<sup>o</sup> tornou o supplicante a ficar encarregado de tudo o que pôde chamar-se peso da secretaria de estado dos negocios estrangeiros.

(Concluir-se-ha).



CAMINHO DE FERRO ENTRE LONDRES E GREENWICH.

GREENWICH é uma cidade assentada na margem direita do Tamisa, a cinco milhas inglezas les-sueste de Londres, podendo de alguma fórma considerar-se como um grande arrabalde desta immensa metropole. Quasi uma milha para oeste lhe fica Deptford com seu estaleiro real, fundado por Henrique 8.<sup>o</sup>, que era antigamente o arsenal de construcção e reparos da armada britannica. A população destas duas cidades em 1831 era de umas 46:000 almas. N'uma altura contigua está o observatorio astronomico, celebre porque do seu meridiano, dito de Greenwich, se contam as longitudes em todos os mappas, e li-

vros de navegação inglezes. Outro objecto mui notavel de Greenwich é o famoso e excellente hospital d'invalidos da marinha, que em 1838 alojava e mantinha, acudindo-lhes com todo o necessario, perto de 3:000 marinheiros: no mesmo estabelecimento ha para a educação dos filhos destes uma eschola e asylo gratuito que veste, sustenta e instrue 800 rapazes, e 200 raparigas no mesmo residentes.

Conhecida pois esta cidade, passemos a tratar do caminho de ferro por onde se communica com a vasta capital proxima, e que foi começado em 4 de Abril de 1834. Foi feita a obra por uma companhia

com o capital de quatro milhões de cruzados, dividido em 20:000 acções de 80:000 réis.

Duas difficuldades mais patentes se oppunham á construcção da estrada: primeiro, porque pouco menos de metade do caminho são ruas mui habitadas e de grandissima concorrência: segundo, porque a outra metade até Deptford é terreno baixo e pantanoso. O unico modo de vencer o primeiro obstaculo era dirigir o caminho de ferro, desde o seu principio na cabeça da ponte de Londres, por um *viaducto*, isto é, sobre uma arcada alta, que passando ao nivel dos telhados das casas, e lançando os arcos sobre as ruas cortadas em recta, deixasse aberto e livre o transito inferiormente, porque não póde nem deve permittir-se a passagem de pedestres por semelhantes caminhos de ferro, não só pelo perigo em que incorrem as pessoas por causa da rapidez da maquina e trem de carruagens, como tambem para evitar um transtorno geral que póde promover qualquer descuido, ou a malignidade de algum malvado. Para vencer a outra difficuldade, o progresso nas artes de construir facilitava os meios de dar aos arcos a precisa solidez sobre qualquer especie de terreno.

A entrada do caminho de ferro na capital é a umas oitenta varas de distancia da magnifica ponte de Londres, ao outro lado da cidade, por uma breve calçada, aonde estão as portas só para entrada das pessoas que intentam caminhar, as quaes devem pagar a passagem no escriptorio alli collocado, recebendo cada uma um bilhete com o n.º da carruagem e do assento que ha-de occupar. São as carruagens de duas classes; as da primeira mui elegantes na construcção e de muita capacidade, com assentos como de coches, sentadas seis pessoas em frente de outras seis, e em cada carruagem ha tres ou quatro destes repartimentos. As de segunda classe, ainda que não tão elegantes, são muito decentes; a differença consiste em não haver os repartimentos, correndo os assentos geraes ao comprido como nos omnibus, pelo que admittem maior numero de pessoas, e o preço é metade do que se paga nas outras. A estampa representa um trem de primeira classe e em movimento, tirado por uma maquina locomotiva, cujo agente é o vapor, pela linha da direita; e a alguma distancia se divisa outro trem pela linha da esquerda que vai para Londres: vê-se por baixo a fórma da arcaria sobre que está nivelado o caminho de ferro.

Os arcos deste viaducto passam de mil; são de tijolos, e em muitos venceu o engenheiro as difficuldades das estruturas obliquas, porque os ha mui singulares de curvas de varias descripções, sem faltar á symetria e regularidade que produz agradável effeito á vista. O caminho ou pavimento sobre a arcada tem uns 36 palmos de largura, á excepção das duas cabeças ou entradas onde é muito mais espaçoso até obra de 8 braças pouco mais ou menos. O par de carris por onde vão as rodas do trem, como mostra a estampa, não é o mesmo para a ida e para a volta; vai um trem para Londres, vem outro para Greenwich por linhas rectas parallelas (*vide a gravura*). Guardam o caminho dois fortes parapeitos lateraes, com umas casinholas a certas distancias, para se acolherem os *zeladores* ou vigias que fazem os signaes com bandeirolas para avisar o largar do trem e para que estejam alerta os empregados no manejo das maquinas.

O famoso caminho de ferro de Manchester a Liverpool não tem parapeitos ou guardas, posto que passe por pedaços extensos de calçadas com seis e mais braças d'altura; falta que occasionou o accidente de escorregar para fóra do carril a maquina,

em uma manhã escura d'inverno, e precipitar-se arrastando consigo quatro ou cinco carruagens do trem; e felizmente só pereceu o conductor e ficaram contusos dez ou doze passageiros, podendo ser funestissimo o desastre. Este perigo está evitado no caminho de ferro de Greenwich com os parapeitos, onde ha a espaços lampiões, alumados com gaz em tempo d'inverno.

Causa certamente uma sensação agradável á vista o viajar por semelhante estrada partindo de Londres: a celeridade do movimento por um caminho a par dos telhados das casas ao principio, e depois mais elevado que as casinhas humildes; o gosto de ir vendo d'alto os campos e jardins passada a povoação; os milhares de barcos ancorados ou á vela no Tamisa; as torres e cupulas para a parte de Londres, ou as collinas de Surry para Greenwich; tudo encanta; porem esta formosa vista desaparece como um sonho, quando ao chegar ao sitio destinado se abrem logo as portinholas das carruagens e todos se apeam. Tambem surprehende a vista e a imaginação o encontrar outro trem que vem de volta, por exemplo a meio caminho; porque naquella paragem caminha-se a rasão de doze leguas por hora, de modo que a velocidade de doze leguas que leva um trem e a de outras doze que traz o trem que volta, á medida que os dois se afastam, fazem parecer aos passageiros de um que o outro se move com a rapidez de 24 leguas por hora. Este effeito, ainda que muito menor, tambem se nota no mar com dois barcos d'encontrada volta, navegando com vento de travessia e passando um junto do outro.

Na cabeça do caminho de ferro opposta a Londres está a fabrica e arrecadação das locomotivas, onde são prolixamente examinadas antes de começar a tarefa diaria.

## LISBOA.

5.º

ANTES de chegar ao castello em sitio alto estive a igreja parochial de S. Bartholomeu, que foi capella real, quando elrei D. Diniz e sua esposa Santa Isabel tiveram o seu Paço n'umas casas fronteiras á igreja, para a qual havia um passadiço que communicava com o palacio: tinha o frontispicio para o poente e dahi se avistava a barra, como da bateria do castello. Era diminuto o numero de seus freguezes, porque o districto da parochia abrangia apenas umas oito ou nove ruas, comprehendendo a porta d'Alfôfa, visinha ao milagre de St.º Antonio, e a rua das lagens. O memorando terremoto destruiu a igreja e a maxima parte das casas, por fórma tal, que os habitantes se foram acampar no campo de St.ª Clara e outros largos, erigindo-se no cardal da Graça uma barraca que serviu de templo para o parochio administrar os sacramentos, e celebrar o culto divino, da maneira que o permittiam escassos recursos, sobresaltos, alborotos e desventuras em tão espantosa calamidade. Pela divisão das freguezias, que posteriormente se fez, foi esta transferida para extra-muros da cidade, e hoje se estende desde a Cruz da Pedra, onde é o laboratorio de fogos bellicos artificiaes, até hir entestar no lugar do Poço do Bispo com a freguezia suburbana de N. S.ª dos Oliveas; achando-se estabelecida actualmente na igreja do convento vulgarmente chamado dos Grillos.— Experimentaram pelo mesmo motivo igual mudança outras parochias, como a de S. Pedro d'Alfama, que, sendo tambem de mui antiga data, e confinando com as de S. João da Praça e S. Miguel, tinha situada a igreja no largo de S. Raphael, e foi tras-

ladada com a mesma invocação para o sitio de Alcantara, fóra de portas, ao occidente da cidade, como a de S. Bartholomeu o fóra para o oriente; e a freguezia de S. Mamede, que tendo occupado a costa do castello, a rua de S. Crispim e a das Pedras Negras, e outras nesse local, e tendo gosado as preeminencias de capella real quando os nossos reis viviam nos paços d'Alcaçova, passou depois para a parte alta septentrional de Lisboa, pouco adiante do Collegio dos Nobres, e, podendo estabelecer-se no bello templo deste edificio, tem sido até o presente o seu abrigo as muralhas da capella-mor mal acabada. Seja-nos permittida a este respeito uma breve digressão. Causa assombro como alcançando algumas parochias, pela extincção das ordens religiosas, templos sumptuosos, não haja quem sollicite ou quem mande que a freguezia de S. Mamede seja transferida de uma barraca, que não leva geito de vir a ser igreja concluida, para um templo como é o do Collegio dos Nobres, central para os freguezes, e não só decente, mas formoso! Se a parochia de N. S.<sup>a</sup> das Mercês, estabelecida n'uma ermida particular, á quina d'uma travessa ingreme, pouco limpa e menos desafogada, mereceu a esplendida igreja do convento de N. S.<sup>a</sup> de Jesus, que foi de religiosos da 3.<sup>a</sup> ordem seraphica, se [por não mencionarmos outras] a de St.<sup>a</sup> Justa, cujo edificio estava igualmente muito incompleto, mereceu o vasto e grandioso templo do convento de S. Domingos, por que rasão a parochia de S. Mamede, que tem mais de dois mil fogos, será menos favorecida, quando tem junto da porta uma nobre casa que a accommode e sem se incomodar ninguem? Descuido anda nisto por certo, e esse notámos.

Se no chão da Feira, pequeno largo fronteiro á principal porta, ou entrada do castello, deixar-mos á direita a rua declive para a banda do Tejo e que é a principal serventia commum da praça, sahiremos pela rua das Lagens ao largo do Contador, que é espaçoso e ladeirento, e se daqui não quizer-mos partir para a cidade occidental, iremos pelo apontado beco do Funil desembocar junto á igreja vulgarmente chamada de Santa Luzia, mas cuja invocação é S. Braz, e foi commenda da ordem militar de Malta. Proseguindo para o nascente encontra-se o sitio da porta do sol, que era contigua áquella ermida; da direita fica o palacio do Ex.<sup>mo</sup> Visconde de Azurara, cuja frontaria, voltada ao oriente, dá para um terreirinho; lugar elevado, donde se avista a magnifica fachada do mosteiro de S. Vicente [jazigo da real casa reinante, e residencia do Em. Patriarcha Eleito] convidando aos curiosos a que de mais perto a examinem. Com effeito, embrenhando-nos pelas ruas tortuosas e estreitas desta parte da cidade, que todavia estão muito melhoradas, quanto a limpeza pelas modernas providencias municipaes, e quanto aos edificios pelo bom gosto dos proprietarios; servindo-nos de guia o conhecimento da localidade, ou algum practico, para nos não perdermos no complicado labyrintho, chamado Alfama; passaremos pelo lugar onde foi a igreja de S. Thomé, que recentemente se demoliu, e cuja freguezia, reunida á do Salvador, está hoje no hospicio do Menino Deus; igualmente notaremos sem menção especial por ora a pequena igreja de St.<sup>o</sup> André, freguezia junta com St.<sup>a</sup> Marinha, e collocada tambem ha pouco no convento da Graça; deixaremos de subir agora a calçada extensa, que nos conduzia a este, e que fica á direita e ao norte do nosso presente passeio, para com mui pequena volta ganhar-mos o elevado outeiro de St.<sup>a</sup> Marinha, e nos aproximarmos ao magestoso edificio de S. Vicente de Fora.

Mas antes de entrar-mos na rua, sufficientemente larga, que para lá nos guia, e onde é sito o palacio do Ex.<sup>mo</sup> Marquez de Sampaio, lancemos a vista por entre um vão que deixam as casas do acanhado largo de St.<sup>a</sup> Marinha para a banda do poente, e vejamos o prospecto de uma infinidade d'edificios apinhados, a que estamos sobranceiros; esta porção que descobrimos denuncia uma grande e accumulada povoação; pois assim mesmo é apenas um limitado pedaço da cidade o que daqui avistámos. Exploremos uma travessa escusa, e acharemos as muralhas d'uma igreja, recinto pequeno, que occupou a parochia de St.<sup>a</sup> Marinha, hoje occulto e quasi fechado pela casaria circumvisinha: se um letreiro aberto em pedra encravada no muro á ilharga da portada, que olha para o poente, nos não dissesse: — *No anno de 1222 foi consagrada esta igreja aos 12 de Dezembro* — sempre nos provaria a sua anciandade uma esguia fresta gothica, de pouca largueza, que deita para a parte do adro do lado do sul, isto é opposto ao letreiro. Consta que fóra mesquita de mouros antes de christianisada.

Eis-nos emfim em S. Vicente; a primitiva fundação foi obra do nosso primeiro monarcha, e brevemente explicaremos a rasão della. Quando D. Afonso Henriques, depois da gloriosa tomada de Santarem, veio sobre Lisboa, e tentou a expugnação desta cidade moura ajudado dos cavalleiros cruzados, que a tempestade, ou o acaso, trouxe ao Tejo, assentou o seu arraial no sitio onde é hoje o mosteiro, ao passo que os estrangeiros auxiliadores acamparam no lugar onde hoje avulta o templo de N. S.<sup>a</sup> dos Martyres. Um cemiterio para os que morriam na empreza, uma enfermaria de campanha, com sua capella, foram os fundamentos de que, para assim o dizer mos, derivou a fundação de S. Vicente de Fora; porque permanecendo sempre na memoria d'elrei a lembrança deste lugar, quando o seu animo piedoso determinou mandar procurar as reliquias de S. Vicente ao Promontorio Sacro, hoje Cabo appellidado do nome do martyr, e erigir um templo em honra deste, quiz que fosse erecto aqui, e em pessoa lhe lançou a primeira pedra, como consta da propria, de figura quadrada, que se achou na reedificação com letreiro latino que dizia assim, vertido em vulgar: — *Esta igreja fundou elrei D. Affonso, o primeiro de Portugal, á honra da Bemaventurada Virgem Maria e de S. Vicente Martyr em 21 de Novembro de 1147.* Poz elrei o novo templo a cargo dos conegos regrantes de St.<sup>o</sup> Agostinho, e quiz tambem que S. Vicente fosse intitulado patrono e defensor da cidade, como escreve Resende: o certo é que esta tem por armas uma nau com dois corvos, em memoria da trasladação do corpo do santo, que fóra respeitado pelo appetite carnivoro daquellas aves.

Tendo decorrido 436 annos quizeram os padres restaurar a igreja por estar a antiga mui damnificada e ameaçar ruina; Philippe 2.<sup>o</sup> de Hespanha, que então governava neste reino, quiz concorrer, e ordenou que da igreja de S. Sebastião, que o nosso infeliz monarcha seu antecessor começara a fundar no terreiro do Paço á borda do Tejo, se passasse toda a pedraria lavrada, e assentada ou por assentar, para a reedificação de S. Vicente de Fora, e que ambos os Martyres ficassem sendo padroeiros, para o que alcançou Breve pontificio. Elrei D. Sebastião pretendia alli estabelecer uma nova ordem de cavalleiros denominada da Flecha: mas Philippe 2.<sup>o</sup> applicou os materiaes e a consignação da fabrica principiada para a de S. Vicente, e, segundo o P.<sup>o</sup> Castro, as pedras com as aspas que existem pelos frizos da ci-

malha real da igreja do mosteiro denunciavam donde vieram. Actualmente no alto das portas de ferro vemos tambem o mesmo symbolo de flechas, e entre as imagens em pedra que adornam o frontispicio está a de S. Sebastião, e tanto esta como as outras nos parecem bem acabadas, incluindo a de Sancto Antonio de Lisboa, que neste mosteiro professou a regra augustiniana, antes de tomar o habito franciscano.

Sobre esta reedificação lemos na chron. dos Coneg. Regr. por D. Nicolau de St.<sup>a</sup> Maria o seguinte: — «E logo mandou [o rei] passar um padrão de juro na alfandega de Lisboa de 2:500 cruzados cada um anno para a fabrica da nova igreja, e que o prior e conegos gastariam mais dois mil cruzados por anno na mesma fabrica da igreja pelo que tocava á sua parte, com condição que a capella-mór e coro baixo que fica por detraz da mesma capella e o cruzeiro com suas capellas fossem só dos reis deste reino; e o corpo da igreja com suas capellas ficassem ao prior e conegos para poderem dispor dellas e as poderem dar a quem melhor lhes parecesse.» — Part. 2.<sup>a</sup> Livro 3.<sup>o</sup> Cap. 12.<sup>o</sup> — E sob esta concordata se fez a obra, que mesmo com tamanhos soccorros consumiu vinte e tres annos. — Na igreja antiga encontrou-se uma inscripção latina dedicada ao imperador Vespasiano, e que prova que, governando este, ainda Lisboa era chamada *Felicitas Julia*: póde ler-se na citada chronica dos conegos regrantes, Part. 2.<sup>a</sup> Liv.<sup>o</sup> 3.<sup>o</sup> Cap. 1.<sup>o</sup> in principio. — Com o terremoto de 1755 cahiu o zimbório, porem depois se levantou o actual que se ergue sobre o espaçoso cruzeiro. Este, se as medições do P.<sup>e</sup> D. Nicolau de Santa Maria são exactas, tem 123 palmos de largura, e a igreja 333 ditos de comprimento; a fachada cresce sobre o portico ou vestibulo, e tem entrada por tres portas: de torre a torre medem-se 150 palmos, e cada uma tem de altura do pavimento ao vertice 220 palmos, segundo o mesmo chronista, que foi morador da casa. Frontispicio e templo tudo é de cantaria magnifica, o altar-mor está no meio da capella-mor e cobre-o um formoso baldaquino adornado de figuras bem lançadas, que foi obra dirigida pelo celebre esculptor Machado, assim como discipulos da sua eschola executaram as estatuas que estão sobre a porta. O mosteiro de S. Vicente encerra tambem o carneiro ou jazigo da Real Familia de Bragança; e no altar collateral da capella-mor, dedicado a S. Theotónio, 1.<sup>o</sup> Prior de Santa Cruz de Coimbra, foi collocado, já por ordem da Nossa Actual Soberana A Quem Deus Guarde, o tumulo do inclito progenitor da Serenissima Casa reinante, o Condestavel-Mor do Reino, D. Nuno Alvares Pereira; transferido do convento do Carmo calçado, onde se achava e que fôra fundado por este piedoso e esforçado varão. Consiste n'um mausoleu de pedra fina com seu baixo-relevo, tendo em cima a estatua do Heroe, porem deitada ao comprimento; junto está um vulto representando um escudeiro com armadura, descoberto, e como sentinella que vigia ao pé do tumulo. Não nos deteremos em relatar outras preciosidades deste templo por não parecer-mos encarecidos, e porque a solidez junta com a magestade desta fabrica e os seus ornatos mereceram os gabos d' estrangeiros entendedores. Cumpre todavia não deixar em silencio o tecto da portaria do mosteiro, pintado a oleo em 1710 pelo famoso Vicente Bacarelli: e aqui nos valeremos das expressões de juiz competente na materia, Cyrillo Wolkmar Machado: — «É uma das melhores cousas, ou antes a melhor que deste genero temos em Lisboa. A composição, a harmonia de

côres, o effeito da perspectiva, os partidos de luz e de sombra, o manejo precioso do pincel, tudo concorre para o fazer admiravel. O painel era igualmente bello, elle o pintou, e executou todo o tecto, á excepção das festonadas de flores, que foram feitas pelo Serra, mestre de José Bernardes, e são primorosas. Pelo terremoto de 55 cahiu só o rebôco que continha o painel. Quando foi a Patriarchal para S. Vicente, mandaram os ignorantissimos mestres caiar o tecto todo, e logo a casa, que até alli parecia uma das mais bellas e regulares de toda a cidade, ficou parecendo a mais defeituosa, baixa e irregular. Quando os conegos tornaram de Mafra [para onde tinham sido removidos] o mandaram restaurar, o que foi feito e muito bem por Manuel da Costa em 1796, e se o painel, que elle tambem fez, não fosse bom teria alguma desculpa, visto não ser essa a sua profissão.» —

O edificio do convento é vasto e grandioso, e por estar em logar elevado se avista do rio e de muitos pontos da cidade. Depois da suppressão da congregação regular que o habitava, e da extincção da Patriarchal, foi destinado para residencia actual e futura dos Metropolitanos da Sé de Lisboa. A rasão de lhe chamarem ainda hoje S. Vicente de Fora procede de que na primitiva fundação estava fóra da cerca velha da cidade, posto que veio a ficar dentro do circuito dos novos muros que mandou fazer elrei D. Fernando: ácerca das portas que neste sitio houve veja-se a pag. 340 do 2.<sup>o</sup> vol. No templo se conserva a parochia de S. Vicente que nelle fôra instituida.

#### ANECDOTAS PORTUGUEZAS.

*Exemplo de patriotismo.* D. Gongalo Telles de Menezes, conde de Neiva e Faria, era irmão de D. Leonor Telles, mulher d'elrei D. Fernando 1.<sup>o</sup>, que lhe tinha feito mercê de muitas villas com grande numero de vassallos. Quando o Mestre de Aviz D. João foi aclamado rei de portugal, achava-se D. Gongalo em Castella em companhia de sua sobrinha a rainha D. Brites, e de sua irmã D. Leonor. Por este facto lhe tiraram as terras que possuia: mas o generoso fidalgo vendo na sua patria aclamado um rei natural, se passou a este reino com seu filho D. Martinho, e ambos serviram valerosamente contra os castelhanos, apesar de lhes não serem restituídas as terras que lhes haviam tirado.

*Premio da verdadeira caridade.* Um grande ministro de Portugal, mui estimado de dois reis a quem serviu, passava todos os dias pelo limoeiro: pedia-lhe o algoz esmola, e nem pela infamia do seu exercicio lh'a negava, nem, nem deixava de fallar-lhe, e de o consolar no seu infeliz estado. Prenderam a este ministro injustamente pelo horrendo delicto de inconfidencia. Estando de noite no segredo, chegou o algoz á porta: assustou-se com tão má visita; mas elle, lembrado das antigas obrigações, o avisou de que tinha dado tractos aos seus criados, e que não os apertára, e assim não confessaram; que a elle lhe haviam de dar tormento no outro dia; que não temesse, e que gritasse, e se livrasse de suggestões; porque elle era homem que sabia muito bem o seu officio. Assim livrou o ministro a vida, a honra, e a fazenda. Tal é o premio de fazer bem. — *Extrahido dos = Conselhos que deu o conde da Ericeira a seu neto, D. Francisco de Menezes, quando poz espada.*